

REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS SOBRE LINGUAGEM A PARTIR DE PERSPECTIVAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN E SUAS INTERSECÇÕES COM OS LETRAMENTOS CRÍTICOS, A DECOLONIALIDADE E O PÓS-HUMANISMO

THEORETICAL CONCEPTUAL REFLECTIONS ON LANGUAGE FROM PERSPECTIVES OF THE BAKHTIN CIRCLE AND ITS INTERSECTIONS WITH CRITICAL LITERACIES, DECOLONIALITY, AND POSTHUMANISM

Alan Victor Freitas Andrade¹, Janayne Pereira Oliveira², Noemi Lopes da Silva³, Nara Hiroko Takaki⁴

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4727-2244>
alan.andradeph@gmail.com

²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4429-4568>
janeprodigia@gmail.com

³Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9368-6317>
noemi.lete@gmail.com

⁴Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8574-5842>
narahi08@gmail.com

Recebido em 01 mar. 2023

Aceito em 28 mar. 2023

Resumo: Discussões sobre a linguagem a partir da perspectiva do Círculo de Bakhtin têm embasado estudos de diversas áreas, especialmente no campo dos estudos linguísticos. O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões teórico-conceituais sobre linguagem a partir de ideias bakhtinianas, suas intersecções com os Letramentos Críticos, a Decolonialidade e o Pós-humanismo crítico. Partimos da concepção bakhtiniana, pois essa não denota a linguagem somente como norma, mas como elemento de interação sociodiscursiva dos falantes. Essa acepção se intersecciona com os Letramentos Críticos, uma vez que ele compreende a língua/linguagem como de natureza heterogênea e nunca neutra, uma vez que proporciona uma leitura de mundo ampla e transformadora. Na sequência, buscamos estabelecer como a Decolonialidade tende a mostrar que não existe uma história única, linear, eurocêntrica que seja uma base universal de conhecimento, imposto a nações colonizadas e racializadas por muitos anos, e, por fim, buscamos evidenciar de que modo o Pós-humanismo empenha-se em abstrair o sentido humano do processo, tanto quanto considera os elementos não humanos mais envolvidos na construção de sentido. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica pautada em pressupostos teóricos. A partir do que apresentamos, concluímos que é possível promover diálogos profícuos entre estudos sobre a linguagem, a partir de argumentos bakhtinianos e pressupostos dos Letramentos Críticos, da Decolonialidade e do Pós-humanismo, principalmente no que tange à redução das desigualdades sociais presentes no contexto atual.

Palavras-chave: Linguagem a partir de uma perspectiva bakhtiniana. Letramentos Críticos. Decolonialidade. Pós-humanismo.

Abstract: Discussions about language from the perspective of the Bakhtin Circle have supported studies in several areas, especially in the field of linguistic studies. This article aims to show some theoretical-conceptual reflections on language from Bakhtinian ideas, its intersections with Critical Literacies, Decoloniality, and Posthumanism critical. We start from the Bakhtinian conception, as this does not denote language only as a norm but as an element of the socio-discursive interaction of speakers. This meaning intersects with Critical Literacies since this he understands language as heterogeneous and never neutral since it provides a broad and transformative world reading. In the sequence, we tried to

establish how Decoloniality tends to show that there is no single, linear, Eurocentric history that is a universal basis of knowledge, which was imposed on colonized and racialized nations for many years, and, finally, we searched to define how Posthumanism strives to abstract the human meaning of the process, as much as it considers the non-human elements most involved in the construction of meaning. For that, we carried out bibliographical research based on theoretical assumptions. Based on what we present, we conclude that it is possible to promote fruitful dialogues between studies on language based on Bakhtinian arguments and assumptions of Critical Literacy, Decoloniality, and Posthumanism, especially concerning the reduction of social inequalities present in the current context.

Keywords: Language from a Bakhtinian perspective. Critical literacies. Decoloniality. Posthumanism.

INTRODUÇÃO

Num tempo em que a mãe terra (MIGNOLO; WALSH, 2018) pede socorro, os estudos da linguagem passam a desempenhar um papel preponderante na formação de cidadãos críticos na sociedade. Estudiosos envolvidos com projetos críticos, decoloniais e pós-humanistas se veem como cúmplices das desigualdades sociais e da destruição da natureza e se preocupam em fomentar novos engajamentos éticos com vistas à diminuição das feridas, dores e violências em escala planetária.¹

É necessário que os sujeitos aprendam a descolonizar suas ações (MIGNOLO; WALSH, 2018) por meio de uma educação crítica (FREIRE, 2017), ou seja, uma educação que vise a conduzi-los na direção de uma sociedade mais consciente e menos desigual. Aliado a isso, trabalhos a partir do Pós-humanismo crítico destacam a importância do descentramento do ser humano no processo de produção de sentidos, enquanto compreendem que a sua emergência depende de elementos humanos e não-humanos presentes no espaço (BARAD, 2007). Dessa maneira, o conceito de linguagem é ressignificado e ampliado.

No que concerne a referências bakhtinianas, nos fundamentamos especialmente em Volóchinov (2017), que concebe a linguagem como um fenômeno político e heterogêneo, e Bakhtin (2016), que compreende que o sujeito concreto pode ser transformado no enunciado por meio do discurso. Em relação aos Letramentos Críticos, nos embasamos em Freire (2017), precursor da educação/pedagogia crítica, e em trabalhos de autores como Luke e Freebody (1997), que cunharam o termo letramento crítico e entendem a língua como discurso. Com base na obra de Mignolo e Walsh (2018) discorreremos brevemente sobre as consequências sociais do processo colonial e, a partir de desconstruções e ressignificações, vislumbramos possibilidades de resistência e reexistência, na busca de umas práxis decolonial. Como Fanon (1961)

¹ Este artigo se apresenta em forma de convite acerca da noção de língua/linguagem para conceitos preliminares de certas perspectivas críticas, decoloniais e pós-humanistas.

assevera, a partir de movimentos decoloniais, é possível promover o surgimento de novos seres. No que diz respeito ao Pós-humanismo, cientes das várias visões que o constituem, escolhemos nos pautar em obras de autoras como Barad (2007) e Murris (2016), que tratam do processo de significação a partir do conceito de *práticas material-discursivas* envolvendo uma perspectiva epistemológica do pós-humanismo crítico. Murris (2016) apresenta como a materialidade está intrinsecamente ligada ao discurso, dessa maneira, o ser humano não é o centro do processo de significação, mas um dos vários integrantes naquela disposição, como também objetos, cheiros, sons e, como a autora aborda em seu trabalho, geopolítica, assim, esses desempenham uma carga de significação relevante a qual o ser humano está conectado.

O presente artigo está estruturado com as seguintes seções: 1) reflexões sobre a linguagem a partir da perspectiva bakhtiniana; 2) intersecções entre o Círculo de Bakhtin e os Letramentos Críticos; 3) intersecções entre o Círculo de Bakhtin e a Decolonialidade e 4) intersecções entre o Círculo de Bakhtin e o Pós-humanismo crítico.

A metodologia empregada para a construção deste texto foi a pesquisa bibliográfica (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Esta pesquisa é baseada em reflexões sobre leituras e discussões feitas em duas disciplinas de um programa de pós-graduação, em 2022. A partir de um levantamento dos trabalhos que foram realizados, emergiram considerações sobre possíveis convergências entre as perspectivas supracitadas. Como resultado desse compartilhamento, elaboramos o presente artigo.

Todas as perspectivas que fundamentam este trabalho concebem a linguagem como construída a partir de contextos sócio-históricos e culturais localizados e, portanto, como um fenômeno em constante mutação. Em diálogo com essa concepção, os Letramentos Críticos propõem que o sujeito aprenda a ler e a se posicionar criticamente diante do mundo (LUKE; FREEBODY, 1997).

A partir dessa base, o objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões que contemplam as principais contribuições do Círculo de Bakhtin em relação à linguagem e suas intersecções com os Letramentos Críticos, a Decolonialidade e o Pós-humanismo crítico.

REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Segundo Jordão (2016), o entendimento de que a língua consistia em um sistema de normas linguísticas (SAUSSURE, 2006) foi refutado a partir das reflexões do círculo bakhtiniano.

Primeiramente, para Volóchinov (2017), a língua não pode ser considerada neutra, sendo que tudo que falamos está carregado de intencionalidade, pois “a palavra está sempre carregada de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181). É por meio da língua que nos comunicamos, nos posicionamos e construímos nossas visões de mundo.

Nesse sentido, o autor afirma que, embora a língua seja um sistema de normas, ela está sempre em um contexto social, não podendo haver comunicação se não pela interação do sujeito com o seu meio. Portanto, a língua se constitui como um “processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 224). Para o autor, todo ato comunicativo humano é organizado no meio social ao qual o indivíduo pertence, e sempre direcionado a alguém, de forma verbalizada por meio da fala ou da escrita.

Além disso, o linguista esclarece que não se aprende a língua materna por meio de regras gramaticais, mas por meio de enunciados que utilizamos quando interagimos socialmente com as pessoas à nossa volta. Logo, o resultado da interação entre “dois indivíduos socialmente organizados”, seja por meio da fala ou de textos, é chamado de enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Assim, ao conceber a enunciação como um processo de natureza social, entende-se que o falante não é mais considerado apenas um mero receptor de mensagens e que a palavra é entendida como elo e troca entre o falante e o interlocutor. Para Volóchinov (2017, p. 205), a palavra é “um ato bilateral, o produto das inter-relações do falante com o ouvinte, é o território comum entre o falante e o interlocutor”. Independentemente de o interlocutor fazer parte ou não das relações sociais ou familiares do falante, a palavra será direcionada para alguém, pois como o autor explica, não “pode haver um interlocutor abstrato”, ou seja, a relação entre o “eu” e o “outro” é o que efetiva a enunciação, e a palavra configura-se como a “ponte” entre eles.

O autor destaca que os enunciados são constituídos de discursos ideológicos e sociais. Como afirma Volóchinov (2017, p.99), “os demais materiais sýgnicos são

especializados em campos particulares da criação ideológica”. Portanto, nenhum texto é neutro, pois todo sujeito é constituído a partir de um contexto ideológico e social.

A linguagem exerce função ativa na concepção da ideologia do cotidiano, que introduz um viés sociológico, o que implica na valorização dos espontâneos gêneros orais do cotidiano e denota uma interação discursiva social, sendo uma atividade natural da língua, ou seja, ação mais efetiva da fala. Segundo Bakhtin, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. “Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes” (2016, p.11).

Cumpramos salientar, que “tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91). A partir desse conceito, entendemos que o signo social é interpretado por ideologias diversas, hegemônicas e contra-hegemônicas que constituem o intérprete. A própria identificação racial, por exemplo, exige que o sujeito se identifique com algum grupo social, levando-o a observar as suas raízes históricas.

Com base nessa premissa, todo signo ideológico é determinado pelo tempo e grupo social, ambiente esse em que ocorre a interação social por meio do discurso do cotidiano. Em vista disto, quando o sujeito se identifica com o grupo social, cria laços concretos e ideológicos. Nas palavras de Volóchinov (2017, p. 109), “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana”, portanto, determinam a relação de existência e pertencimento.

A partir de tais ideias bakhtinianas, a seguir, faremos uma discussão teórico-conceitual com as teorias dos letramentos críticos, decoloniais e pós-humanistas, visando interseccioná-las com as ideias bakhtinianas de língua/linguagem no intuito de apresentar as contribuições dos estudos bakhtinianos para essas teorias mais atuais.

INTERSECÇÕES ENTRE A PERSPECTIVA BAKHTINIANA E OS LETRAMENTOS CRÍTICOS

A partir das leituras de Freire (2017), sobre o *eu* e o *outro*, percebemos que sua concepção de educação pode ter sofrido influência da concepção de linguagem de

Volóchinov (2017). Freire (2017) afirma que é por meio da relação dialógica do eu com o outro que é possível transformar o mundo. Em suas palavras,

[o] eu antidialógico, dominador, transforma o *tu* dominado, conquistado, num mero “isto”. O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* – um não *eu* –, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu eu um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu*, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*. (FREIRE, 2017, p. 227, grifo no original).

Portanto, para o autor, os sujeitos “[...] se encontram para a transformação do mundo em co-laboração” (FREIRE, 2017, p. 227), ou seja, essa troca somente é possível entre sujeitos, por meio da construção de sentidos. Ademais, o pedagogo aponta que é preciso ter um diálogo crítico e libertador com os oprimidos para que eles se reconheçam como tais e possam lutar pela sua libertação. Para ele, um dos meios possíveis para alcançar esse objetivo é a educação.

Freire (2017, p.97) identificou como educação bancária aquela que considera os educandos apenas como depósitos de conhecimentos, os quais lhes são transferidos pelos detentores do conhecimento. Em oposição, ele defende uma educação libertadora, problematizadora, que se configura como um ato “cognoscente”, ou seja, uma educação que leve o aluno a pensar, a refletir, a buscar o conhecimento.

Alinhados às ideias de Freire (2017) sobre a educação e à concepção de linguagem de Volóchinov (2017), Luke e Freebody (1997) propõem uma compreensão de leitura ou prática crítica que tem sido designada como Letramento(s) Crítico(s). Os autores postulam que, nessa perspectiva, ler é uma prática social e cultural, pois tudo que lemos ou escrevemos tem alguma relação com alguém.

Luke e Freebody (1997, p. 201) afirmam que essa prática consiste em realizar uma “leitura dos mundos e de suas culturas”, como também em desenvolver formas de perceber como os textos tentam posicionar o leitor nesses distintos mundos e culturas. Segundo os autores, é por meio da interpretação dos leitores/as dos textos que a leitura constrói e reconstrói afirmações e seus significados. Ademais, eles apontam que, na perspectiva crítica, o ato de ler não é visto como neutro, mas permeado por um processo de construção de sentidos dentro de contextos culturais e sociais e de relações de poder. Em suas palavras, “toda língua, todo texto, todo discurso, portanto, refrata o mundo”, atuando em prol de “interesses de uma determinada classe social, gênero e grupo cultural” (LUKE; FREEBODY, 1997, p. 193).

Diante disso, os Letramentos Críticos podem ser vistos como atos políticos, uma vez que os conteúdos discursivos e as práticas de interação em nossa sociedade servem para informar e transformar, bem como para contestar políticas ideológicas, discursos culturais e interesses econômicos (LUKE; FREEBODY, 1997). Assim, é importante que o leitor não apenas aprenda a ler o que está nas entrelinhas, visando entender o significado do que está implícito ou explícito, mas que também aprenda a criticar os textos que circulam na sociedade (CERVETTI; PARDALES; DAMICO, 2001).

Por sua vez, Janks (2014, p. 13) defende que é “pela linguagem que os significados são mobilizados para manter as coisas como estão”, ou *para transformá-las*. Ainda, a autora aponta que, ao desenvolver o pensamento crítico,

you will perceive the importance of language: in the functioning of power, in the production of our identity positions, in the facilitation of access to a better life. You will see that texts have social effects, that they are designed to convince us of their version of ‘truth’ and that language can be used both for good and for evil. Taking into account that texts are not neutral, we need to develop ways to see where they come from and recognize their designs in relation to us, their readers. (JANKS, 2014, p. 1).

Ademais, na esteira de Luke e Freebody (1997), Souza (2011) afirma que o leitor não pode pensar apenas que está no mundo. Como ele explica, o processo é mais complexo e amplo, uma vez que é necessário entender que “tanto o autor quanto o leitor estão *no* mundo e *com* o mundo” (p. 131, grifo nosso). Por conseguinte, ler criticamente implica em compreender que o autor enuncia a partir de seu “contexto e pertencimento sócio-histórico” para produzir significação; e, da mesma forma, o leitor também precisa entender que a sua compreensão desses significados é inseparável de seu próprio “contexto sócio-histórico” (SOUZA, 2011, p. 132).

De acordo com Monte Mór (2019), é relevante salientar que o contexto sócio-histórico pertence a um mundo perpassado por relações de poder simbólicas, as quais interferem em nossa forma de ler e interpretar os textos e o mundo. Com base em Bourdieu (1996), a autora refere-se a essa construção como *habitus interpretativo*. Em suas palavras, o “*habitus* funcionaria como a tendência reguladora de se comunicar ou dizer coisas conforme as exigências das devidas situações” (MONTE MÓR, 2019, p. 319). Desse modo, podemos entender o *habitus interpretativo* como o senso comum.

A autora aponta que o *habitus linguístico* em nossa sociedade é construído pelas instituições das quais participamos. Elas visam a manter uma concepção hegemônica de língua, como um sistema de códigos fixos e pré-estabelecidos, na medida em que

antagonizam qualquer tipo de subversão linguística. Segundo a pesquisadora, mesmo que de uma forma velada, a língua-padrão exerce poder na comunicação e induz os sujeitos a almejá-la.

Portanto, Monte Mór (2019) afirma que é necessário desconstruir a ideia do *habitus interpretativo*, especialmente por meio da valorização e da promoção da educação. Desconstruir, para a estudiosa, envolve movimentos focados em “desnudar, desconstruir para reconstruir, reinterpretar, ressignificar” (MONTE MÓR, 2018, p. 272). Para que isso seja possível, é necessário fazer um trabalho com a construção de sentidos (*meaning making*), que, segundo ela, abrange os Letramentos Críticos e as expansões interpretativas.

Consoante a autora, os Letramentos Críticos apresentam uma nova compreensão de “sociedade de escrita”, tendo em vista que a escrita tem cedido espaço para que as práticas multimodais se ampliem e sejam reconhecidas. Nesse sentido, os alunos têm sido cada vez mais instigados a problematizar as diferentes modalidades de linguagem (sons, imagens, gestos, etc.) (THE NEW LONDON GROUP, 1996).

Diante de tantas reflexões e problematizações que precisam ser levadas a efeito para que os alunos possam expandir as suas concepções e desconstruir o senso comum, além de um trabalho com os Letramentos Críticos, defendemos o engajamento docente com as perspectivas decoloniais. De acordo com Mignolo e Walsh (2018), como ainda sofremos as consequências do colonialismo, é preciso que os sujeitos descolonizem as suas mentes. Essa discussão é abordada com mais detalhes na seção seguinte.

TEORIA DA LINGUAGEM A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA E SUAS INTERSECÇÕES COM A DECOLONIALIDADE

Como já foi tratado, todos os níveis da ação humana estão vinculados à utilização da linguagem. Desse modo, a língua configura-se como um tipo de linguagem, a qual transcorre na “forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Assim, enunciar, expressar-se, expor pensamentos e sentimentos são atos materializados pelo recurso da “palavra”.

Na concepção teórica bakhtiniana “a relação entre sujeito e a realidade ocorre mediada pela interação entre sujeitos sociais, na qual os signos ideológicos são

engendrados” Volóchinov (2017) na qual o sujeito sócio-histórico toma consciência de sua condição, é por meio do diálogo com seu núcleo social busca a (re)construção das identidades sociais, e nesse construto que a perspectiva decolonial conversa, sugerindo principalmente na América Latina como uma “perseverança e autodeterminação de nações e povos visíveis, e sua presença e soberania intelectual como protagonistas sociais e sujeitos históricos e políticos”² (MIGNOLO; WALSH, 2018, p.39).

Para compreender o projeto decolonial, é necessário fazer uma leitura crítica do percurso histórico da formação da modernidade/colonialidade (QUIJANO, 2005). Com os avanços das expansões marítimas, territórios até então desconhecidos foram invadidos pelos espanhóis, e depois pelos portugueses, que implementaram políticas de exploração. Esse processo colonial violento levou ao extermínio de diversos povos nativos.

Segundo Mignolo (2007, p. 28), “a América nunca foi um continente a ser descoberto, mas uma invenção forjada durante o processo da história colonial europeia e da expansão das ideias e instituições ocidentais”. Com a intenção de ampliar as suas conquistas, a Europa expande o seu império nos continentes da África e da Ásia. Sob a ótica da salvação, instala-se também o “novo mundo”, denominado América, no qual a Europa estabelece o seu sistema-mundo moderno. O racismo estrutural que vivenciamos hoje teve sua origem (fabricação) em meio à imposição das línguas nomeadas, do cristianismo, do capitalismo na América Latina.

Com a exposição ideológica de caráter colonial e duradoura na América Latina, perpetrada pela matriz colonial de poder, ser e saber (QUIJANO, 2005) que corresponde ao controle político, econômico, epistêmico, gênero, sexual e da subjetividade, reforçada nesse território pelas ideologias de dominação que “é um universo de discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo ato, ação e estado” (VOLÓCHINOV, 2017, p.213), implica na vivência do sujeito colonizado e racializado.

Tal reflexão salienta a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), que expõe as relações de poder engendrada na separação entre colonizador e colonizado, sustentada pela classificação de raça, construída para justificar a inferiorização de uns

² Original: “perseverance and self-determination of visible nations and peoples, and their presence and intellectual sovereignty as social protagonists and historical and political subjects”.

em relação aos outros. O autor postula, ainda que “os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial” (QUIJANO, 2005, p. 107).

Os modos operacionais da colonialidade articulam-se a partir da matriz colonial de poder, “a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade” (MIGNOLO, 2017b, p. 13). Para serviços braçais e domésticos foi utilizada a mão de obra humana escravizada. A Europa criou a justificativa epistêmica e religiosa de humanos com alma e sem alma (referindo-se aos europeus e não europeus, respectivamente). A criação dessa hierarquia afetou todos os corpos que eram diferentes do branco, principalmente as pessoas pretas africanas.

O discurso ocidental tem sido profundamente questionado nas e pelas perspectivas do Sul Global. Este momento contemporâneo, designado por alguns como pós-modernidade, entende-se como período de questionamento das relações de poder, reconstrução de discurso e novas visões de mundo. Em consonância com essa ideia, autores decoloniais defendem que mudanças profundas se mostram prementes encampando, portanto, epistemes outras.

Na América Latina, por exemplo, ocorre o “giro de-colonial” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 159), que se configura “como um espaço para o desenvolvimento de teorias críticas que não se encaixam numa história linear de paradigmas modernos” (VERONELLI, 2021, p. 82-83). Sendo assim, a decolonialidade é um dos pensamentos atuais que reverberam indagações no que tange à raça, à classe e ao gênero, dentre outras categorias sociais, enquanto leituras universais presentes nos discursos são problematizadas e desconstruídas.

Nas considerações, Walsh (2013) aponta o processo de descolonização, como um desfazer colonial/colonialidade, que envolve uma árdua e longa luta, que acalenta os povos afrodescendentes brasileiros, caribenhos, norte-americanos e africanos, sujeitos esses marcados pelo processo colonial. Em sintonia com essa ideia, a práxis decolonial exerce a função de “interromper e rachar o moderno/ matriz colonial, capitalistas/heteropatriarcais de poder, e avança outras formas de ser, pensar, conhecer, teorizar, analisar, sentir, agir e viver”³ Mignolo e Walsh (2018).

³ Original: “disrupt and fracture the modern/colonial, capitalist/heteropatriarchal matrix of power, and advances other ways of being, thinking, knowing, theorizing, analyzing, feeling, acting, and living”

Outro aspecto pontuado por Souza e Duboc (2021) é destacar a importância da decolonialidade. Isso equivale a percorrer o processo de “identificar, interrogar e interromper os marcadores coloniais” (SOUZA; DUBOC, 2021, p. 910) para “trazer de volta o corpo e marcar o não marcado” (SOUZA; DUBOC, 2021, p. 910). Tratam-se de estratégias descoloniais necessárias que desejam “interromper a colonialidade”, Souza (SOUZA; DUBOC, 2021, p. 910). Seria desnudar, questionar e assumir uma nova postura, considerando formas de saber, ser e estar, diferentes daquelas que configuram os modos de dominação colonial.

Por sua vez, faz-se necessário que a decolonialidade esteja presente em todas as instâncias dos saberes, conseqüentemente, na formação de novos cidadãos que compreendam que a “consciência é uma parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel no palco da existência” Volóchinov (2017). De modo semelhante argumenta Fanon (1961, p. 11),

[a] descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é [...] um programa de desordem absoluta, [...] um processo histórico [...]. Introduz no ser um ritmo próprio, provocado pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. (FANON, 1961, p.11)

Imbricado nesse processo está a “palavra”, importante apontamento que intersecciona a ideia bakhtiniana ao decolonial. Isso porque uma palavra usada por um sujeito é mais do que uma palavra alheia, ou seja, é um eco do outro. De modo geral, as menções feitas quando o falante toma o ato de fala, o que ele expressa, está carregado de enunciados de outros. Essa relação de comunicação é um caminho de reflexão e pensamento crítico e mobiliza o sujeito para uma ação de luta e resistência.

Nas considerações de Ribeiro (2017, p. 36), “[o] falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. Nessa discussão, o ato da fala propicia visibilidade para aqueles diminuídos por muito tempo pelo processo da modernidade/colonialidade, cuja sequela foi “o esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pelo genocídio, aponta para uma perda de identidade própria” (GONZALEZ, 2020, p. 123).

Na mesma linha de raciocínio, o projeto decolonial afirma-se como “uma forma de luta e sobrevivência, uma resposta e prática epistêmica e baseada na existência – principalmente de sujeitos colonizados e racializados – contra a matriz colonial de poder em todas as suas dimensões”. Mignolo e Walsh (2018, p. 17).

Essas ponderações comungam com o conceito de Interculturalidade, que propõe a convivência de diferentes culturas de forma democrática, busca a integração entre elas sem invisibilizar suas diferenças e potencializa o papel criativo resultante das relações entre agentes desiguais em seus contextos específicos.

Nas considerações de Walsh (2010), a interculturalidade é o contexto no qual “ocorre o intercâmbio entre culturas, entre pessoas, práticas, saberes, valores e tradições culturais distintas, que podem ocorrer em condições de igualdade ou desigualdade”. Essa concepção se alinha ao conceito de gênero discursivo de Volóchinov (2017), segundo o qual o sujeito circula em diferentes espaços, detendo diferentes posições sociais, gerando e recebendo discursos, em diversos gêneros.

Nessa discussão, a perspectiva decolonial partilha da mesma ideia, na qual é compreendida como amplitude para liberdade de pensamento empenhada na transformação social. Assim, dialoga também com a teoria interseccionais (CRENSHAW, 2002), estudos que relacionam as questões de classe, raça e gênero sido afetadas conjuntamente pela concepção de colonialidade (MIGNOLO, 2017a) expondo o heteropatriarcado, cristianismo, capitalismo e racismo, conforme já mencionados.

Seguindo esse princípio, a decolonialidade parte de lutas políticas, epistêmicas, amparada na resistência, com destaque para a população indígena e negra. Sendo assim, o pensamento decolonial corrobora os movimentos e lutas sociais, evidenciando, por exemplo, o ativismo feminista negro, que pontua “as experiências vividas pelas mulheres negras e pretende mudar essas experiências para melhor” (COLLINS, 2019 p. 77), a luta por direitos e condições de vida igualitária, a valorização da ancestralidade e das diferentes culturas, religiões. Nesse construto, o pensamento feminista negro, interligado ao decolonial, reivindica a emancipação das mulheres negras, denuncia e torna visíveis as estruturas coloniais existentes na sociedade contemporânea. Como bem pontua bell hooks,

quando o povo negro é falado, o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando as mulheres são faladas, o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras. Quando o povo negro é falado, a tendência é focada nos homens negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres brancas. Em lado nenhum isto é mais evidente que no vasto corpo da literatura feminista (HOOKS, 2014, p. 8-9).

Ademais, a ideia abordada nesta alínea é apontar para a importância dos estudos históricos que enfocam as lutas de raça, classe e gênero, de modo que sejam discutidos os papéis sociais advindos do processo colonial. Isso exige uma compreensão da esfera de dominação em que os sujeitos estão presentes, na busca de “mostrar o potencial que as comunidades dos/as oprimidos/as têm, entre si, de constituir significados que recusam os significados e a organização social, estruturados pelo poder” (LUGONES, 2014, p. 940).

Tendo em vista as concepções esboçadas, buscamos reconhecer que somos seres sócio-historicamente constituídos e culturalmente impregnados de discursos alheios (BAKHTIN, 2016). Desse modo, acreditamos na urgência de uma atitude crítica para as causas sociais, culturais e políticas, evidencia a importância de movimentos de mudanças que deriva das práxis decoloniais, possibilita identificar o papel social que cada sujeito e agir perante a sociedade e o mundo.

LINGUAGEM A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA E SUAS INTERSECÇÕES COM O PÓS-HUMANISMO

A partir do escopo dos Estudos de Linguagens, este trabalho se localiza dentro dos estudos da Linguística Aplicada. Nós utilizamos do conceito de linguagem de Pennycook (2010) que a entende como práticas sociais situadas. Essas práticas envolvem um contexto de negociação constante perpassando diversas esferas tais como políticas, religiosas, educacionais e influenciam a organização das atividades. (PENNYCOOK, 2010). Em um de seus trabalhos mais recentes, Pennycook (2018b) visualiza e discute proximidades entre a Linguística Aplicada e os movimentos Pós-Humanistas. Segundo o autor, por mais que linguagem possa ser entendida como uma capacidade humana, suas operações e distribuições não se limitam a um processo humano, assim, a linguagem não pode ser reduzida a um sistema, mas entendida como uma organização de funções interligadas com seres humanos, animais, objetos e cultura (PENNYCOOK, 2018b, p.52).

A perspectiva pós-humanista, a partir dessas pesquisadoras, apresenta-se como um movimento que busca descentralizar o ser humano do processo de significação, na medida em que considera que os elementos não humanos participam da construção de sentido em direção a uma compreensão mais descentralizada e menos humanística.

Neste artigo escolhemos os trabalhos de Barad (2007) e Murriss (2016) para nos orientar devido às convergências de suas pesquisas com os trabalhos dos autores deste artigo⁴, sobretudo no campo educacional. Nessa perspectiva, assim como o corpo humano é composto de um sistema nervoso conectado e indissociável, o processo significativo também o é. As partes materiais e não materiais estão interligadas, construindo diferentes significados a partir de suas disposições no espaço e relações entre si. Por conseguinte, ao reconhecer outros integrantes no processo de significação, abre-se um leque de possibilidades de campos de pesquisas que nos distanciam de binarismos como humano e não humano, mente e corpo, indivíduo e ambiente (CANAGARAJAH; MINAKOVA, 2022).

Assim como o pensamento bakhtiniano sobre a linguagem, o Pós-humanismo também tece críticas à concepção da língua como um sistema uníssono e meramente estrutural. Volóchinov (2017, p.181) afirma, como dito nas seções anteriores, que a língua não pode ser considerada neutra, sendo que tudo o que falamos está carregado de intencionalidade, permeada de significados ideológicos e/ou cotidianos. Convergente a isso, Pennycook (2010) nos direciona a um entendimento de linguagem como uma atividade social e não mera estrutura. Dessa maneira, considerar o tempo, espaço, história e local onde essas práticas ocorrem é extremamente relevante (PENNYCOOK, 2010).

Concernente a isso, Barad (2007), linguista e física teórica, entende que as entidades⁵ envolvidas no processo de comunicação *intra-agem*. O conceito de interação determina duas entidades previamente constituídas que interagem entre si, dessa forma, há fronteiras para cada uma. Em contrapartida, a *intra-ação*⁶ não sugere essa separação, mas sim uma condição em que os elementos envolvidos (objetos, tecnologias, animais, seres humanos) na comunicação tornam-se um só, não havendo fronteiras que os determinam, pois pertencem à mesma unidade naquele dado momento (BARAD, 2007).

Para Barad (2007), a intra-ação compreende o vir a ser, que depende de múltiplas ações não lineares e que também não são determinísticas. A intra-ação é uma atividade que é compreendida parcialmente, sendo que a incompletude não é um

⁴ Os autores se localizam em uma universidade pública em um programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens, sendo uma de suas subáreas a Linguística Aplicada.

⁵ Seres humanos, objetos, animais, suas disposições, cheiros.

⁶ Nos limitamos a abordar o conceito de intra-ação neste trabalho, perpassando assim, amplamente pelos conceitos do pós-humanismo.

problema, pois sempre acarreta exclusões particulares e tais exclusões encerram qualquer possibilidade de determinismo, dessa maneira há uma condição de um futuro aberto (BARAD, 2007). Segundo a autora, a constituição diferencial do ser humano e não humano é sempre acompanhada por exclusões singulares e sempre aberta a contestações. A autora defende que “às intra-ações possuem agência, e as mudanças nas disposições dos elementos importam por razões ontológicas, bem como epistemológicas, assim, diferentes práticas produzem diferentes configurações materiais do mundo” (BARAD, 2007, p.184)

Macedo (2009) corrobora Bakhtin no sentido de que a linguagem é constituída de pluralidades, marcações ideológicas e interações sociais que significam e ressignificam a realidade. Desse modo, a linguagem é concebida como mutável – uma vez que seus interlocutores se transformam, os seus discursos os acompanham.

Por conseguinte, pensar estruturas linguísticas isoladas (como exemplo, estruturas gramaticais de línguas) que meramente estabelecem uma relação efêmera entre si é questionável, uma vez que o Pós-humanismo entende que a linguagem é indissociável tanto de seu contexto discursivo quanto da sua materialidade. Dessa forma, como nas perspectivas bakhtinianas, a linguagem é aqui percebida com mutável. A autora complementa que

[a]ceitar que o material em nossas vidas também tem poder e agência e perceber que os corpos (inclusive os nossos) sempre intra-agem [ou seja, têm uma relação entre si de modo a não haver separação um do outro] com o discurso, pode abrir um espaço para uma noção de *justiça*, que inclui, mas vá além da *justiça social*. (MURRIS, 2016, p. 282-283, grifo no original).

Em seu trabalho intitulado *A posthumanist orientation to decolonising higher education institutions*, Murriss (2016) aborda uma situação envolvendo universitários da Universidade de Cape Town e uma estátua honorária britânica. Em 2015, alguns estudantes realizaram um protesto contra à presença dessa estátua devido ao seu significado histórico. A estátua representava Cecil Rhodes, britânico colonialista responsável por diversos assassinatos de negros africanos. Essa representação causou revolta nos estudantes da universidade por seu respectivo teor racista que aquela estátua representava e emanava, levando-os a pedir sua retirada. Murriss (2016) aborda esse episódio para discutir como os elementos não materiais, tais como cadeiras, paredes, estátuas, disposições de objetos, dentre outros elementos, são relevantes e exercem uma significação nesse contexto particular. Os elementos não-

humanos, dessa forma, não estão, e nunca estiveram inertes ao processo de significação. Segundo Barad (2003, p.801)

A matéria não é algo estático ou articulado individualmente. A matéria não são pequenos pedaços da natureza, ou uma lousa em branco, superfície ou local esperando passivamente por significação. A matéria é sempre já uma historicidade em curso. (BARAD, 2003, p. 801)

Dessa maneira, compreendemos que não apenas os não-humanos estão produzindo significados, como também suas disposições. A todo momento, as matérias estão intra-agindo e se resignificando. Barad (2003, p. 801) nos questiona “Por que a linguagem e a cultura recebem a sua própria agência e historicidade enquanto a matéria é considerada passiva e imutável?”. Uma possível resposta é que não a entendemos como algo inerte, passivo, como se fosse algo meramente manipulado pelo ser humano (BARAD, 2003, CANAGARAJAH, 2018).

Esse movimento, converge com a perspectiva decolonial da mãe terra (MIGNOLO; WALSH, 2018), pois considera todas as entidades não humanas – objetos, animais, espaço etc. – na produção de significação. Mignolo e Walsh (2018) discorrem sobre o conceito de *mãe terra*: na visão indígena não há separação entre cultura e natureza – elas se constituem. Segundo Mignolo (2017a, p. 6-7, grifo no original),

[a] *pachamama* era o modo como os *amauta* quíchuas e os *yatiris* aimará – os *amauta* e os *yatiris* eram os equivalentes intelectuais silenciados do *teólogo* (Acosta) – entendiam a relação humana com a vida, com a energia que engendra e mantém a vida, hoje traduzida como mãe terra. O fenômeno que os cristãos ocidentais descreviam como “natureza” existia em contradistância à “cultura”; ademais, era concebida como algo exterior ao sujeito humano. Para os aimará e os quíchuas, fenômenos (assim como os seres humanos) mais-que-humanos eram concebidos como *pachamama*, e nessa concepção não havia, e não há ainda hoje, uma distinção entre a “natureza” e a “cultura”. Os aimará e os quíchuas se viam dentro dela, não fora dela. Assim, a cultura era natureza e a natureza era (e é) cultura (MIGNOLO, 2017, p.6-7).

Assim, percebemos na situação estudada por Murris (2016) que, além da discussão dos elementos humanos e não-humanos, é necessário que realizemos uma leitura crítica desses cenários. Dito de outra forma, questionar quem e o que esses elementos e disposições privilegiam e perpetuam em seus contextos resulta relevante para que as intra-ações não recolonizem “humanos-não humanos” (TAKAKI, 2019, p. 589) com a prevalência do *status quo* na tentativa de minimizarmos as injustiças sociais, ambientais e materiais nos contínuos processos de reconstrução de vir a ser de sociedade e, portanto, de planeta.

Dessa maneira, há uma convergência entre a maneira de visualizar o processo de significação como conectados entre o que é abordado por Mignolo (2017a) e a perspectiva Pós-humanista. Além disso, o Pós-humanismo põe em xeque interpretações lineares e, assim, possibilita um trabalho com significações fluidas, que não necessariamente precisem de um centro, mas sim, um conjunto de elementos que desempenhem, simultaneamente, significação.

Entretanto, é importante destacar algumas divergências entre o Pós-humanismo e o Círculo de Bakhtin em relação ao conceito de linguagem. De acordo com Bakhtin (2003, p. 279, grifo no original), “[q]ualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. A perspectiva do Pós-humanismo também vê os discursos como plurais e infinitos, mas difere de Bakhtin uma vez que o autor não considera a capacidade agentiva da materialidade. Dessa maneira, ainda há uma hierarquização humanista em seu discurso, o qual privilegia o ser humano, enquanto os outros elementos estão à margem ou em posições inferiores a ele. Ademais, para o Pós-humanismo, o conhecimento está entrelaçado ao ser, em um constante processo de vir a ser, uma impermanência constante que possibilita refletir sobre a dinamicidade dos processos de significação ao qual todos os seres e elementos estão envolvidos

Apesar da fluidez e dinamicidade da linguagem, o ser humano acaba por sempre atribuir sentidos ao buscar entender os textos, eventos e teorias. Dessa maneira, continuamos a depender da linguagem humana cuja operação está implicada com elementos não-humanos. Assim como discutido anteriormente, ressignificar estruturas de poder, questionar a relação entre colonizador e colonizado se faz necessário e relevante para o contexto da sociedade atual. Um pós-humanismo que não pense nas minorias, não aborde problemas sociais e suas exclusões, apenas reconfigura um sistema colonial, dessa maneira o trabalho com o pós-humanismo requer uma vigilância a fim de que esses agentes presentes nesta teoria não recolonizem os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo propor reflexões que contemplassem as principais contribuições do Círculo de Bakhtin para os Letramentos Críticos, a Decolonialidade e o Pós-humanismo.

A partir de ponderações de ideias bakhtinianas sobre a linguagem, buscamos interseccionar reflexões com outras perspectivas contemporâneas, de maneira a problematizar as suas principais contribuições para tais estudos.

Com base em uma discussão teórico-conceitual, procuramos apresentar estudos sobre algumas questões que envolvem a linguagem e a ideologia a partir de ideias do Círculo de Bakhtin, correlacionando-as a pressupostos dos Letramentos Críticos (FREIRE, 2017; LUKE; FREEBODY, 1997; SOUZA, 2011; MONTE MÓR, 2019), da Decolonialidade (MIGNOLO; WALSH, 2018 QUIJANO, 2005) e do Pós-humanismo (BARAD, 2003, 2007; MURRIS, 2016).

Diante das leituras realizadas, percebemos que é possível identificar vários pontos nodais entre os LCs e as ideias bakhtinianas. Como ponto fundamental de tais intersecções, que possibilitou o desdobramento das discussões acerca das questões desenvolvidas no presente artigo, ressaltamos a oposição à noção de língua na perspectiva estruturalista. Volóchinov (2017) fez duras críticas às ideias estruturalistas de Saussure, bem como de outros autores que postularam tais ideias. O pensador russo defendeu algumas concepções em oposição à teoria que chamou de objetivismo abstrato, ou seja, a parte estrutural da língua. De acordo com Volóchinov (2017, p.162), essa teoria compreende a língua como um “sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas”, em outras palavras, a concebe como um objeto de “natureza homogênea” (SAUSSURE, 2006, p. 60).

Igualmente, percebemos que os LCs, também não se utilizam da concepção estruturalista de Saussure. Consoante com Duboc (2016, p.60), o termo *letramento* surgiu “em oposição à noção de língua como mero código de escrita [...]”. Uma vez que, a língua para o letramento crítico se afasta de uma visão de linguagem abstrata e se aproxima de visão heterogênea, complexa e inserida em contextos sócio-culturais.

Por meio de revisão bibliográfica, que abrange a perspectiva bakhtiniana e decolonial, foi possível realizar possíveis diálogos teóricos, a respeito da língua, sendo relacionada a enunciados, como instrumento de comunicação, que se relacionam por meio do discurso do cotidiano, na qual o sujeito é ligado a diferentes contextos sociais e históricos, sentindo-se, desse modo, pertencente a vários grupos sociais ideológicos.

Em vista disso, a decolonialidade (MIGNOLO; WALSH, 2018) consiste na prática de identificar os discursos ideológicos impostos de opressão aos povos colonizados, interrogar e interromper o projeto instalado pela matriz colonial de poder e, por fim, construir um projeto de libertação buscando outras formas de ser, pensar, discursar e viver.

Nas leituras advindas do Pós-humanismo, percebe-se que uma de suas intersecções com a teoria bahktiniana é sua relação marcada pelo contexto. Dessa maneira, o vínculo entre o eu e o outro envolve sempre um significado diferente a partir de suas disposições, desse modo há assim uma constante mutação de significados. Para o Pós-humanismo (BARAD, 2007), tudo está sempre sendo transformado, refletir sobre essas relações não fixas é uma ruptura e reconfigura o pensar na linguagem de um ponto de vista pós-humanista.

É importante pontuar que as ideias do círculo de Bakhtin mesmo não mencionando o elemento não-humano, não quer dizer que esteja negando-o na produção de sentidos, uma vez que seu contexto se difere do atual e por mais significativos que sejam seus estudos é impossível abranger todas as perspectivas. Entretanto, ressaltamos o cuidado que devemos ter a partir dessa acepção uma vez que, como dito no início, a língua não é neutra, e considerando isso, o conceito de intra-ação questiona os binarismos. Intra-ação é um intra-agindo perpétuo de humano-não humanos, graças ao seu trabalho enredado, performado e contingente, tal como na Física e nas linguagens). A incompletude da compreensão por parte de seus intérpretes e agentes humanos-não humanos produz a necessidade de mais esforço pelas ressignificações. E, a possibilidade de enfraquecer e transformar as injustiças sociais, materiais, ambientais, planetárias (pós-humanas, por assim dizer) revelam-se parciais e em incessante vir a ser-sendo-não sendo.⁷

A partir dos estudos realizados, é possível perceber que as contribuições do círculo de Bakhtin para a linguagem e, conseqüentemente, para os letramentos críticos, a decolonialidade e o pós-humanismo, foram de grande relevância, pois, uma vez que a linguagem foi entendida como heterogênea, não neutra e produto da interação social,

⁷ Takaki (2019) entende que somos humanos-não humanos por carregarmos vírus, bactérias, próteses, piercing, lentes de contato, tatuagem, experiências vividas, espiritualidades, saberes e não saberes, entre outros elementos nos nossos corpos e, esses são textos a serem desconstruídos e reconstruídos em meio aos outros corpos que atribuem sentidos aos nossos e vice-versa. A ressignificação de sentidos como performatividade situada, depende do loci de enunciação de cada corpo e está sujeito aos processos de vir a ser-sendo-não sendo.

houve uma mudança na concepção de língua/linguagem que influencia as teorias aqui citadas. Segundo Brait (2016, p.9) tais concepções são muito relevantes para o campo dos estudos da linguagem, pois “o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana”.

Diante do exposto, foi possível observar que há muita proximidade entre as teorizações supracitadas. Assim, argumentamos que a relevância deste trabalho se encontra na aproximação entre as concepções dos letramentos críticos, da decolonialidade e do pós-humanismo, desde a leitura das obras de Volóchinov (2017); aproximação esta que permitiu uma troca profícua de ideias, tornando possível ampliar o escopo das discussões tratadas na área da Linguística Aplicada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 279.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11.

BARAD, K. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, [s. l.], v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003. Disponível: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/345321>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BARAD, K. **Meeting the universe halfway**: quantum physics and the entanglement of matter and meaning. Durham: Duke University Press, 2007. p. 28-184.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução: Sérgio Miceli. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRAIT, B. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (dez obras fundamentais). In: FARIA, J. R. de (Org.). **Guia bibliográfico da FFLCH**. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. p. 1-22.

CANAGARAJAH, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. **Applied Linguistics**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 31-54, feb. 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/applij/article-abstract/39/1/31/4626948?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CANAGARAJAH, S.; MINAKOVA, V. Objects in embodied sociolinguistics: mind the door in research group meetings. **Language in Society**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 1-32, feb., 2022. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/objects-in-embodied-sociolinguistics-mind-the-door-in-research-group-meetings/8407302454DA5320071D4579E8C46654>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, [s. l.], v. 4, n. 9, p. 80-90, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2643314> Acesso em: 15 fev. 2023.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento consciência e a política do empoderamento. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 77.

CRENSHAW, K. W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 12 dez. 2022.

DUBOC, A. P. M. A avaliação da aprendizagem de línguas e o letramento crítico: uma proposta. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (Orgs.) **Práticas de multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. São Paulo: Pontes, 2016, pp.57-80.

FANON, F. **Los condenados de la tierra**. 1. ed. Tradução Julieta Campos, México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 97-227.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 123.

HOOKE, B. **Não sou eu uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução livre: Plataforma Gueto. Lisboa: Plataforma Gueto, 2014. p. 8-9.

JANKS, H. Introduction. In: JANKS, H. et al. (Eds.). **Doing critical literacy**: texts and activities for students and teachers. New York and London: Routledge, 2014. p. 10-18.

JORDÃO, C. M. No tabuleiro da professora tem.... letramento crítico? In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Orgs.). **Práticas de multiletramento e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 41-53.

LUGONES, M. Rumo a um Feminismo Decolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 11 jan. 2023.

LUKE, A.; FREEBODY, P. Shaping the social practice of reading. In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, P. (Eds.). **Constructing critical literacies**: teaching and learning textual practice. Cresskill: Hampton Press, 1997. p. 185-225.

MACEDO, W. K. L. de. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem. *In: I CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: LINGUAGENS E LEITURAS*. III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura. VII Encontro Local do PROLER. **Anais** [...]. Ilhéus: UESC, 2009. p. 1-6.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (ed.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Traducción: Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007. p. 28.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MIGNOLO, W. D. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b. Disponível em: <file:///C:/Users/Carolina/Downloads/moliveira,+772-2645-1-CE.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MIGNOLO, W.; WALSH, C. E. **On decoloniality**: concepts, analytics, praxis. Durham: Duke University Press, 2018.

MONTE MÓR, W. Sobre rupturas e expansão na visão do mundo: seguindo as pegadas e os rastros da formação crítica. *In: Pessoa, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. (Orgs). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês*. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 263-276.

MONTE MÓR, W. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. *In: JORDÃO, C. M. (Org.). **Letramentos em prática**: na formação inicial de professores de inglês*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 315-333.

MURRIS, K. Rhodes must fall: a posthumanist orientation to decolonising higher education institutions. **South African Journal of Higher Education**, v. 30, n. 3, p. 274-294, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306392356_Rhodes_Must_Fall_A_posthumanist_orientation_to_decolonising_higher_education_Institutions. Acesso em: 14 fev. 2023.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice**. London and Nova York: Routledge, 2010.

PENNYCOOK, A. **Posthumanist applied linguistics**. London and New York: Routledge, 2018b. p. 52.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais – CLACSO, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. p. 36.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 60.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44. (EAD: série educação a distância)

SOUZA, L. M. T. M. de. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação. *In*: MACIEL, R. F.; ARAUJO, V. de A. (Orgs.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 128-140.

SOUZA, L. M. T. M. de; DUBOC, A.P.M. De-universalizing the decolonial: between parentheses and falling skies. **Gragoatá**, Niterói, v. 26, n. 56, p. 876-911, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/51599/29981>. Acesso em: 14 fev.2023.

TAKAKI, N. H. Thought-provoking ‘contamination’: applied linguistics, literacies and posthumanism. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 58, n. 2, p. 579-611, março/agosto, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/Qj56cNqPn4GkWSFrK4LZx8K/?lang=en>. Acesso em: 10 ja. 2023.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **The Harvard Educational Review**, [s. l.], v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996. Disponível em: http://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.

VERONELLI, G. Sobre a colonialidade da linguagem. **Revista X**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78169/43062>. Acesso em: 11 fev. 2023.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 91-224.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andres Bello, 2010.

WALSH, C. Introdução. **Lo Pedagógico y lo Decolonial**: Entretejiendo caminos. In: WALSH, C. (ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013b. p. 23-68.

Sobre as autoras

Alan Victor Freitas Andrade

Doutorando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS (2021). Tem interesse pela área de Letras com ênfase nos estudos sobre Pós-humanismo, Linguística Aplicada Pós-humanista, Formação de Professores em Língua Inglesa e estudos sobre Letramento Crítico. É membro do grupo de pesquisa Educação crítica, criativa e ética por Linguagens, Transculturalidades e Tecnologia. Atualmente é professor do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande.

Janayne Pereira Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, possui graduação em História pela UFMS (2007), graduação em Pedagogia - Claretiano Centro Universitário (2019), Especialista Planejamento Estratégico- ADESG (2009) e Educação em Direitos Humanos- UFMS (2017) e Mestre em Letras pela UEMS (2020). Tem experiência na área de História e Direitos Humanos de Criança e Adolescente, atua nos seguintes temas: estatuto da criança e adolescente- ECA, educação, direitos humanos e feminismo decolonial.

Nara Hiroko Takaki

Possui graduação em Inglês e Português pela Universidade de São Paulo (1988), graduação em Licenciatura: Inglês e português pela Universidade de São Paulo (1989), mestrado em Letras modernas (Português e Inglês) pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). É professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguagem, interpretação, sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: letramentos críticos, decolonialidades, translanguagem, pós-humanismo. Líder do grupo de pesquisa Educação crítica, criativa e ética por Linguagens, Transculturalidades e Tecnologias. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Membro do Projeto Nacional de Letramentos (USP).

Noemi Lopes da Silva

Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI-

Santiago/RS. Tem especialização em Tradução pela Universidade Estácio de Sá e especialização em Metodologia do Ensino de Português para Estrangeiro pela Faculdade Unyleya – Rio de Janeiro. Coursou Mestrado profissional em Ensino de Línguas pela Unipampa - Campus Bagé/RS. Área de estudos de pesquisa sobre Letramentos Críticos e decolonialidade no ensino de língua inglesa. Atualmente, está como professora no Instituto Federal de Educação do Mato Grosso do Sul.